

Shozo Kawamoto (1935), Hiroshima, Japão

Shozo Kawamoto nasceu em 1935 em Hiroshima, Japão. Morava com seu pai, sua mãe e seus cinco irmãos no centro da cidade, há aproximadamente 350 metros do hipocentro¹. Recorda do ano em que ingressou no Ensino Fundamental, em 1940, pois foi no mesmo ano em que teve um grande desfile de lanternas para comemorar o aniversário do primeiro Imperador do Japão. Lembra-se que no ano seguinte, 1941, o Japão entrou em guerra contra os Estados Unidos com o apoio maciço da população que não acreditava que poderia perder a guerra. Kawamoto acha que as pessoas estavam muito otimistas, pois o Japão estava lutando no Pacífico e tendo vitória atrás de vitória. O começo da guerra contra os Estados Unidos também lhe foi muito marcante, porque o idioma inglês foi proibido e uma vez por semana as forças militares trabalhavam vasculhando a cidade em busca de espiões norte-americanos e, portanto, havia um clima de tensão no ar. Conta que nesse mesmo ano começou o racionamento de comida e, conseqüentemente, apareceram os cupons de alimentos. Segundo Kawamoto, os cupons são um marco em sua infância, pois foi quando começou a passar muita fome.

Conta que sua mãe era uma mulher muito corajosa e fazia de tudo para cuidar de sua família. Na época em que estavam passando fome, ela ia caminhando para o interior buscar arroz no mercado negro e acabava demorando muito para voltar para casa, pois tinha que escolher caminhos que não estavam sendo vigiados pelo exército. O pai de Kawamoto recebia pensão do governo por ter sido oficial da Marinha e servido durante 10 anos o país. Seu irmão 9 anos mais velho foi para a Manchúria para não ser enviado para a guerra. A mãe de Kawamoto não queria que seu filho fosse para a guerra e pediu para que o marido conseguisse uma forma de tirar o filho do país. Receava que o filho fosse treinado e enviado para os Estados Unidos como *Kamikaze* e, apesar de muito difundida a ideia de que a morte pelo país, em nome do Imperador, fosse uma morte honrosa, segundo Kawamoto, a maioria das mães eram contra enviar seus filhos para a morte certa. Desta forma, e apesar de ter servido ao país por anos, o pai de Kawamoto concordou com a decisão da mãe e, através de seus contatos, conseguiu enviar o filho para a China, onde ele permaneceu até o final da guerra.

¹ Hipocentro é o referencial no solo do local onde a bomba atômica explodiu. Seu exato ponto a 600

Kawamoto conta que em 1945 seu pai tinha 52 anos, sua mãe 37, seu irmão mais velho 19, suas duas irmãs mais velhas 17 e 15, ele tinha 10, sua irmã mais nova 7 e o caçula 4. O pai trabalhava em uma loja de vidros perto da casa onde moravam e a mãe ficava em casa com os dois filhos mais novos. A irmã de 17 anos trabalhava na companhia de transportes e estava baseada na Estação de Hiroshima, há aproximadamente 2 quilômetros do hipocentro. A irmã de 15 anos havia sido mobilizada para trabalhos relacionados aos “esforços de guerra”, ou seja, ao invés de ir à escola, ia para locais da cidade onde necessitava-se de mão-de-obra, seja em campos de demolição, onde trabalhava demolindo construções para criar vãos que, em caso de bombardeios, impediriam que o fogo se alastrasse pela cidade, ou em fábricas de munição.

Kawamoto, por estar com 10 anos e no sexto ano do ensino fundamental, foi evacuado do centro da cidade. Afirma que em abril de 1945 o governo de Hiroshima mandou que todas as crianças da terceira a sexta série fossem evacuadas para as regiões mais afastadas do agitado centro militar que a cidade se tornara e, dessa forma, Kawamoto ficou longe de sua família pela primeira vez na vida. O refúgio para onde foi enviado ficava há 50 quilômetros de distância de Hiroshima e Kawamoto se lembra de ter gostado muito de viajar de trem. Lembra com apreensão e clareza a primeira noite do local: um silêncio ensurdecido dominava o dormitório, rompido apenas por choros abafados das crianças que sentiam falta de suas famílias. Conta que, como os demais, sentia-se muito solitário e chorava, mas buscava chorar escondido para não desencorajar os menores. Como era um dos mais velhos, sentia que necessitava zelar pelos mais novos. Assim, quando a tristeza o tomava, ele deitava de bruços, enterrava seu rosto no travesseiro e chorava silenciosamente. Lembra que os alunos da terceira e quarta série tinham medo de ir ao banheiro sozinhos no meio da noite, então os alunos da quinta e sexta série os levavam, mas muitos acabavam fazendo xixi na cama.

Recorda de um episódio que ocorreu dois meses depois de sua chegada ao local de evacuação, em junho de 1945. Cinco ou seis colegas fugiram e, após um dia de caminhada, chegaram à Hiroshima. Kawamoto diz, “eles só queriam voltar para casa”. Entretanto, um dos professores notou o sumiço dos alunos e foi para Hiroshima busca-los. Trouxe de volta todos menos um, que acabou morrendo no bombardeio atômico.

Kawamoto diz que naquela época não via a hora de crescer para poder lutar pelo país. Comenta que sua educação havia sido muito militarizada e, por isso, achava que seria uma honra poder lutar em nome do Japão e do Imperador. Recorda que ouvia na escola e nas ruas que a mais alta honra de um homem era ser treinado para servir como *Kamikaze* e dar a vida para a vitória do país. Explica que *Kami* significa “Deus” e *kaze* significa “vento”, ou seja, *Kamikaze* é o “Deus do Vento” que protege o Japão. Conta que no século XII, na Era Kamakura, a Mongólia atacou o Japão com um exército muito mais forte e preparado e, conseqüentemente, o Japão estava perdendo a guerra. Entretanto, dois fortes tufões destruíram os navios inimigos e o Japão acabou vitorioso. Aparentemente, segundo Kawamoto, o mesmo ocorreu na guerra do Pacífico quando o Japão novamente fora salvo por tufões. Com base nessas histórias, os professores diziam aos alunos que se o *Kamikaze* não atacasse os norte-americanos, o Japão deveria produzir seus próprios *Kamikazes*, homens valentes e honrosos que deveriam atacar o inimigo como o vento, rapidamente, repentinamente e efetivamente, homens que se tornariam verdadeiros Deuses do Vento, *Kamikazes*, responsáveis pela vitória do Japão. Neste contexto, Kawamoto diz que os soldados não eram recrutados para serem *Kamikazes* e sim voluntariavam-se para o trabalho. Aqueles que não se dispunham a morrer pelo país estavam condenados a uma vida de vergonha. Lembra-se de um ataque no qual os pilotos *Kamikazes* saíram de Hiroshima e, por alguma razão, o ataque não pode se concretizar. Como ninguém esperava que pilotos *Kamikazes* voltassem vivos de suas missões, os mesmos nunca mais foram vistos. Dizia-se que eles viviam reclusos, envergonhados por não terem cumprido suas missões. Kawamoto diz que as únicas pessoas que se opunham aos *Kamikazes* eram as mães dos pilotos, que chegavam a pedir para os filhos não irem em suas missões. Por esse motivo, muitas cartas de mães para filhos não eram entregues.

Kawamoto fala que sua mãe falava abertamente que não queria que os filhos fossem recrutados e morressem na guerra, independente da vergonha que isso pudesse causar para a família. Pensando na mãe, ele lembra que ela havia visitado uma cartomante durante a guerra que havia lhe dito que ela morreria antes dos 40 anos. Por esse motivo, ela tornou-se mais dura na educação dos filhos, preparando-os para as situações difíceis que a vida poderia trazer. Kawamoto se recorda que a mãe lhe dizia constantemente, “nunca se esqueça de que você é menino e, portanto, deve trabalhar duro. Trabalhando duro você poderá fazer de tudo”. Diz, com um sorriso no rosto, que esse conselho o manteve vivo e forte nos momentos mais difíceis de sua vida, e

afirma que as palavras da mãe ressoam em sua memória constantemente. Acredita que não foi apenas as palavras da cartomante que fizeram sua mãe se dedicar a preparar os filhos para situações adversas, mas Kawamoto diz que em 1945, no final da guerra, a morte os cercava cada vez mais, como se houvesse um clima de desgraça no ar. Atribui a isso o aparecimento de *slogans* pela cidade, cartazes que diziam, “Não desejem nada até ganharmos a guerra!”, tentativas de mobilizar o povo que sentia muito o peso dos longos anos de guerra.

Kawamoto diz, “então, veio a bomba”. Relata que não tem muitas memórias do dia 6 de agosto de 1945, pois encontrava-se longe do centro de Hiroshima. Recorda apenas que naquela noite as crianças foram informadas de que um novo tipo de bomba havia sido jogada na cidade, o que os deixou apreensivos e preocupados. Kawamoto diz que entre os dias 7 e 8 de agosto alguns pais e parentes de crianças começaram a ir buscá-las e suas aparências não deixavam dúvida de que algo muito grave estava acontecendo em Hiroshima, o que agravou o clima de preocupação e apreensão entre as crianças. Relata que as pessoas chegavam muito feridas, com queimaduras expostas, roupas rasgadas, cabelos eriçados e traziam uma expressão de horror em seus rostos. Eram visões que geravam medo e tensão.

Neste momento, Kawamoto fica em silêncio e olha para o chão. Quando volta a falar diz que a mãe de uma de suas amigas foi buscá-la, mas ela estava tão gravemente ferida, com o rosto irreconhecível, inchado e ensanguentado, com o corpo coberto de queimaduras, que a amiga ficou em choque e fugiu. A menina estava tão assustada que se recusou a ir embora com a mãe. Frente aos protestos da filha e os ferimentos que provavelmente a enfraqueciam, a mãe resolveu ir embora sozinha. Kawamoto conta que reencontrou essa amiga 60 anos depois do bombardeio e que ela lhe disse que dias depois da visita da mãe alguns familiares, que não estavam em Hiroshima no dia da explosão, foram buscá-la e lhe disseram que sua mãe havia morrido. Kawamoto diz que a amiga chorou muito quando ao lhe contar o desfecho de sua história, e disse que desde então carrega um grande arrependimento por não ter ido embora com sua mãe e cuidado dela nos últimos momentos de vida, tendo a mãe morrido sozinha, sem ninguém para segurar-lhe a mão. Kawamoto fica em silêncio por um tempo.

Retoma sua fala dizendo que sua irmã mais velha, de 17 anos, veio buscá-lo dias depois. Não lembra que dia era exatamente, mas acha que foi no dia 9 de agosto. Ela também estava ferida, mas reconhecível. Kawamoto retorna com ela para

Hiroshima e, no caminho, ela lhe conta sobre o que aconteceu desde o dia 6. Ela estava na Estação de Hiroshima no momento da explosão. O prédio desabou e ela ficou presa e soterrada sob os escombros, gritou por socorro e algum tempo depois foi salva por algumas pessoas que estavam no mesmo local. Saiu correndo em direção a sua casa, mas os incêndios que tomaram a cidade após a explosão impediram que ela chegasse ao seu destino. Aguardou o fogo diminuir e, no dia 7, conseguiu retomar sua jornada. Ela lhe disse que seu desespero e pressa aumentavam na medida que via tudo destruído ao seu redor. Chegando no local onde moravam, encontrou três corpos carbonizados e irreconhecíveis, mas nitidamente era um corpo de adulto e dois de crianças. Ouviu de uma vizinha que após a explosão a mãe conseguira se desvencilhar dos escombros da casa desabada, mas os dois filhos menores estavam presos de tal forma que era impossível salvá-los. O fogo estava se aproximando rapidamente e apesar dos gritos dos vizinhos pedindo para que ela corresse e fosse com eles para um abrigo, a mãe de Kawamoto decidiu ficar, pois não abandonaria os filhos mais novos. Ficou com eles e lá morreu no incêndio que consumiu toda vizinhança onde moravam. Kawamoto faz uma pausa e fica muito emocionado. Fala sobre uma estátua de bronze de uma mãe com duas crianças que encontra-se no Parque Memorial da Paz de Hiroshima. Olha para mim e diz “é minha mãe e meus dois irmãos. Eles lutaram muito durante a guerra e no dia da explosão ... queriam viver. Mas não conseguiram não sobreviveram...”.

Kawamoto conta que após ouvir o que acontecera com a mãe e os irmãos, sua irmã junta os restos mortais que encontrou e, com a ajuda dos vizinhos que também estavam no local buscando sobreviventes, termina de cremá-los. Coloca as cinzas em uma caixa e parte em busca de informações sobre o pai e a irmã de 15 anos. Ambos desapareceram sem deixar rastros e até hoje Kawamoto não sabe o local exato de suas mortes. Após perceber que ambos também haviam morrido, a irmã parte em direção ao local onde Kawamoto estava para buscá-lo.

Com o fim da guerra o irmão mais velho de Kawamoto retorna da Manchúria, mas Kawamoto e a irmã não chegam a reencontrá-lo. Kawamoto não se lembra bem como as coisas aconteceram, mas diz que havia um tio que morava próximo à Hiroshima e que esse adotou seu irmão mais velho, pois ele precisava de um herdeiro e alguém que pudesse trabalhar para ajudá-lo. O mais velho era homem, estava

saudável e tinha 19 anos. Kawamoto diz que ele e a irmã eram *hibakusha*² e “apenas” duas bocas a mais para serem alimentadas em um momento de muita miséria e fome, portanto, compreende a atitude do tio.

Logo após o fim guerra parte da estação de Hiroshima foi rapidamente reconstruída e, como a irmã de Kawamoto trabalhava para a companhia de transporte, conseguiu alugar um pequeno quartinho na própria estação onde os dois passaram a morar. Ele se recorda do carinho com que ela cuidava dele, dividindo a marmitta que o trabalho lhe dava e lhe dando muito amor. Kawamoto diz que a irmã foi sua segunda mãe, lhe dava carinho, atenção e cuidado. Durante o tempo em que passou morando com a irmã na estação, lembra-se vivamente dos órfãos que a bomba deixou para trás. Os observava atentamente durante o dia e pensava sempre que tinha muita sorte de ter a irmã que olhava por ele. Relata com tristeza que os órfãos reviravam lixo a procura de comida, bebiam água turva, brigavam como animais por migalhas. Lembra que quase todos os dias morriam algumas dessas crianças e seus corpos eram deixados largados até que viessem retirar para cremar junto com o lixo. Viu muitas dessas crianças chupando pedras para enganar o estômago e comendo jornal. Kawamoto diz que essas memórias o assombraram por toda a vida.

Seis meses depois da explosão sua irmã começa a adoecer. Kawamoto diz que tinha apenas 10 anos e não sabia o que fazer para ajudá-la. Rapidamente ela morre e Kawamoto fica desesperado. Sente muito a perda da irmã e se desespera por estar agora sozinho. Diz que não se lembra muito bem como o tio é acionado, mas ele aparece e o leva para um orfanato. Kawamoto recorda do diretor do orfanato se recusando a ficar com ele, pois o orfanato estava cheio e não havia mais espaço para novos órfãos. O tio e o diretor do orfanato discutem e, aparentemente, o dono de uma empresa de *shoyu* testemunha a discussão. Ele interrompe os dois homens e diz que pode ficar com Kawamoto, que poderia usá-lo em sua empresa.

Desta forma, o tio entrega o sobrinho para o homem que o leva para sua empresa. Ele lhe mostra um pequeno quartinho e diz que Kawamoto poderia dormir lá e ainda receberia duas refeições por dia. Em troca, Kawamoto deveria trabalhar de domingo a domingo, das 2 da manhã às 8 horas da noite tendo o direito de 3 folgas por ano. Fico emocionada e Kawamoto sorri gentilmente. Ele diz que isso não é ruim e que ele é muito grato ao dono da empresa de *shoyu*, pois sendo órfão estaria

² *Hibakusha* é o termo japonês que significa sobrevivente do bombardeio atômico.

condenado a viver como as crianças que moravam na Estação de Hiroshima. Diz que pensava no conselho de sua mãe e trabalhou duro para continuar tendo um lugar para dormir e não passar fome. Por trabalhar arduamente, era um dos melhores funcionários da empresa e, portanto, quando seu chefe se viu necessitado de contratar um motorista para fazer entregas, decidiu investir em Kawamoto e ajudá-lo a tirar uma licença para dirigir, o que na época era um processo muito burocrático e complicado.

Relata ainda que após algum tempo, quando tinha aproximadamente 20 anos, o dono da empresa se comprometeu a ajudá-lo a construir uma casa perto de onde trabalhavam. A casa demorou 3 anos para ficar pronta e, nesse meio tempo, Kawamoto se apaixonou por uma moça que morava na vizinhança. Aos 23 anos, com a casa pronta, ele decide ir à casa da moça pedir permissão para se casar com ela. Achava que por ter casa e trabalho, condições para cuidar de uma família, eles permitiriam o casamento. Entretanto, os pais da moça rejeitaram seu pedido alegando que sabiam que Kawamoto era um *hibakusha* e que, portanto, não poderia ter filhos saudáveis devido a “doença da bomba”, a radiação. Kawamoto fala que sabia sobre o preconceito que existia em torno dos sobreviventes, inclusive achava que a irmã havia sido vítima da radiação, mas não imaginava que os pais da moça sabiam que ele era um *hibakusha*. Afirma que naquele momento perdeu a vontade de viver. Se perguntava “para que adianta uma casa e um trabalho se nunca poderei ter uma família?”.

Decide pedir demissão do trabalho e, depois de 13 anos, volta para Hiroshima. Ficou sabendo algum tempo depois que o chefe contratou seu irmão mais velho para substituí-lo e lhe deu também a casa que Kawamoto construiu, onde o irmão mais velho mora até os dias de hoje. Demonstro surpresa e Kawamoto diz, “não me importei. Ele precisava de um funcionário e meu irmão aprendeu a dirigir na época da guerra. E de que adianta uma casa se eu não podia ter uma família? Meu irmão estava casado, então ele precisava mais da casa do que eu”.

Chegando em Hiroshima, como sabia dirigir, logo conseguiu um trabalho em uma empresa de transportes. Lá, conheceu alguns rapazes com quem saía nos momentos de folga. Juntos iam para locais onde havia corrida de bicicleta, de barco, de cavalo e onde tinham muitos caça-níqueis, atividades que envolviam muito dinheiro em forma de apostas. Veio a saber que esses locais eram administrados pelo grupo mafioso Yakuza, para quem alguns dos rapazes que conhecia trabalhavam

cobrando dívidas e fazendo segurança de estabelecimentos nos horários de folga. Muitos deles, como é o caso de Kawamoto, pediram demissão da empresa de transporte e passaram a trabalhar em tempo integral para o Yakuza. Kawamoto conta que nesse período estava sempre envolvido em apostas e brigas, ressalta que na época não haviam armas de fogo, então tudo era resolvido no punho ou na faca. Trabalhou para o Yakuza dos 23 aos 32 anos e, nesse período, foi pego pela polícia duas vezes. Entretanto, como naquela época a polícia ainda não comandava a cidade, não tinha a mesma autoridade que o Yakuza, acabou não sendo condenado ou indo para a cadeia. Ficou apenas detido sob custódia da polícia por alguns dias e, em seguida, liberado.

Diz que apesar de criminoso, o grupo Yakuza teve uma grande importância na reconstrução de Hiroshima pois, no período do pós-guerra, era o grupo que mais tinha dinheiro e que, portanto, começou a reconstruir prédios e imóveis comerciais, passou a organizar e concentrar os mercados negros que surgiam na região da cidade e, de certa forma, comandava e administrava Hiroshima como um todo. Lembra que na época os comerciantes confiavam mais na segurança feita pelo grupo mafioso do que pela força policial, que ainda se encontrava muito desorganizada. Kawamoto afirma que muitos dos órfãos apenas sobreviveram porque passaram a trabalhar para o Yakuza, que lhes garantia um prato de comida por dia. Enfatiza que a fome no período do pós-guerra matou muito mais pessoas do que todos os anos de guerra que enfrentaram (com exceção, claro, do bombardeio atômico). Diz que quem tinha família e um nome a zelar não se juntou ao grupo, pois condenaria a família à vergonha.

No seu caso, Kawamoto trabalhou para o Yakuza porque sentia que não tinha nada a perder e conseguia, através das brigas, colocar a raiva que sentia para fora. Não tinha família e, portanto, ninguém para envergonhar. No entanto, ao longo dos 9 anos que permaneceu com o grupo fez alguns amigos e esses, um a um, começaram a morrer em decorrência do cenário de extrema violência em que estavam inseridos. Kawamoto nota que os corpos dos amigos são cremados e suas cinzas jogadas no rio, o que o perturba muito e o faz lembrar dos órfãos cremados com o lixo e de suas cinzas que também eram dispensadas no rio. Passa a temer morrer e ter suas próprias cinzas jogadas no rio daquela maneira que, segundo ele, é extremamente desrespeitosa, uma “morte miserável”. Diz que, “jogar as cinzas de alguém no rio é uma espécie de humilhação, passa a mensagem de que essa pessoa era insignificante, não valia nada, não merecia respeito. Uma pessoa desonrada”.

Conta que nesse momento foi tomado pela lembrança de como a mãe morreu honrosamente sem abandonar os dois filhos menores. Pensa no pai e na irmã de 15 anos que morreram sem ter suas cinzas encontradas, mas mesmo assim, morreram sem desonra. E pensa principalmente na irmã de 17 anos, que jamais o abandonou, e que também morreu lutando dignamente pela própria vida. Fala que as cinzas de sua mãe e de seus três irmãos estavam em uma urna enterrada no solo de Hiroshima e as cinzas de seu pai e de sua irmã de 15 anos também estavam descansando em paz no solo de Hiroshima. Decidiu, assim, que precisava ir embora da cidade, pois não queria morrer em vergonha na cidade onde todos de sua família descansavam honrosamente.

Sabia que o Yakuza não permitiria que ele fosse embora, o mataria antes e, portanto, juntou todo seu dinheiro e, com a roupa do corpo, foi para a estação de ônibus decidido a comprar uma passagem de ida para o lugar mais longe que seu dinheiro pudesse lhe levar. Sabia que, por ser de “baixo escalão” o Yakuza não iria atrás dele, mas também sabia que se retornasse para Hiroshima seria morto. Então partiu decidido a nunca mais voltar e prometeu a si mesmo que construiria uma nova vida e jamais contaria a ninguém de onde veio e, mais importante, que era um *hibakusha*.

Kawamoto consegue comprar uma passagem para Okayama, a mais de 100km de distância de Hiroshima. Chegando ao seu destino, não sabia para onde ir. Diz, “pensei comigo ... direita ou esquerda?”. Fechou os olhos e orou pela mãe e pela irmã mais velha e ao abrir os olhos diz que viu um anúncio de trabalho pendurado na estação. O anúncio era para trabalhar em um restaurante de *udon*³ e, além do trabalho, o restaurante oferecia um quarto para o funcionário. Kawamoto diz que as palavras da mãe ressoaram novamente em sua memória, e apesar de nunca ter feito um *udon*, sabia que se trabalhasse duro, iria aprender e conseguir o emprego. Foi para o local indicado no anúncio, trabalhou duro no período de experiência (aproximadamente um mês), cozinhava, limpava o estabelecimento, lavava a louça, conta que fez muito mais do que as tarefas que lhe foram atribuídas e, por isso, conseguiu o trabalho e ficou no restaurante durante alguns anos. Após juntar dinheiro suficiente, em meados de 1985, pediu demissão e abriu sua própria empresa de *bentô*⁴, a qual administrou até 2005.

Kawamoto diz que os anos que viveu em Okayama (aproximadamente de 1967 a 2005) foram anos de muito trabalho e de muita solidão. O medo de que as

³ Prato típico japonês.

⁴ Marmita.

pessoas pudessem descobrir que ele era um *hibakusha* ou que ele havia se envolvido com o Yakuza não permitiu que ele fizesse amigos ou mesmo que se casasse. Afirma que casar significaria mentir e correr o risco de ter sua história revelada, o que ele não queria. Vivia para trabalhar em sua empresa e diz que ajudou como pode os 40 funcionários que chegou a empregar.

Relata que em 1995, no contexto da comemoração dos 50 anos do bombardeio atômico, um colega de escola, Nakagawa, que havia sido evacuado com Kawamoto em abril de 1945, realizou uma busca para o encontrar. Através de alguns contatos, Nakagawa conseguiu um número de telefone em Okayama. Kawamoto conta emocionado que, “pela primeira vez desde que minha irmã foi me buscar após o bombardeio, alguém pensou em mim, lembrou da minha existência e teve até o trabalho de descobrir se eu ainda estava vivo”. Kawamoto diz que Nakagawa o convidou para a cerimônia que o Memorial da Paz de Hiroshima iria realizar em memória dos sobreviventes e conta um pouco sobre a vida dos *hibakusha* que viviam em Hiroshima e do apoio que davam um ao outro e, finalmente, diz que o amigo deveria voltar para casa.

Kawamoto afirma que não esperava que algum dia alguém se lembraria dele ou mesmo lembraria que uma dia ele existiu. Pensava que sua existência havia se apagado da história e da memória dos que ainda estavam vivos em Hiroshima. Diz que é muito grato por ter sobrevivido para receber a ligação de Nakagawa, que lhe mostrou que alguém “se importava e ficara feliz com o fato dele estar vivo”. Apesar da emoção, Kawamoto ainda demorou 10 anos para conseguir retornar à Hiroshima. Diz que durante esse tempo manteve contato com o amigo, mas como não imaginava que um dia voltaria para casa, precisava de tempo para se organizar. Queria fechar a empresa, mas sem prejudicar seus funcionários.

Kawamoto deixa Okayama em 2005. Chegando em Hiroshima, diz que não reconhece cidade e chega a ficar perdido em alguns momentos. Precisa de algumas semanas para se habituar aos novos prédios e as novas ruas que a cidade ganhou nas últimas décadas. Relata que se recorda nitidamente como a cidade era na época da guerra e nas primeiras semanas andou pela cidade “lembrando das coisas velhas e vendo as coisas novas”, aprendendo novamente a andar pela cidade onde nasceu.

Mais familiarizado com a cidade, Kawamoto decide ir procurar o irmão mais velho, para saber se seu único familiar ainda estava vivo. Dessa forma, vai até a casa que construiu há mais de 50 anos e bate na porta. Para sua surpresa seu irmão a abre.

Kawamoto diz que não esperava, mas o irmão ficou boquiaberto, em choque e, após alguns instantes, o abraçou forte e repetia “você está vivo! Você está vivo!”, o que o deixou muito contente. O irmão lhe conta que logo após Kawamoto ter pedido demissão da empresa de *shoyu* e ele ter assumido seu lugar, sempre que ia fazer entregas em Hiroshima buscava saber de seu paradeiro. Assim, soube de seu envolvimento com o Yakuza e das duas vezes em que a polícia o prendeu. Após algum tempo, não conseguiu mais localiza-lo e, portanto, concluiu que ele havia sido morto.

Kawamoto diz que chega a se hospedar na casa do irmão, entretanto, a cunhada, que também sabia de sua história com o Yakuza e com a polícia, não queria ele em sua casa. Dizia que a presença dele traria vergonha para a família e começou a maltratar, a ser muito cruel com Kawamoto que, por sua vez, não aguentou nem três dias e resolveu voltar para Hiroshima. Alugou um pequeno apartamento há 3 quilômetros do centro onde mora sozinho até hoje.

Aos poucos, Kawamoto começou a frequentar o Memorial da Paz de Hiroshima e através de Nakagawa reencontrou outros colegas da época de escola e conheceu novos sobreviventes. Diz que ouviu muitos relatos e percebeu que não era o único que se sentia muito sozinho. Pela primeira vez na vida, contou sua história e sente que foi ouvido sem preconceito. Diz que lhe fez bem falar e, apesar dos amigos lhe pedirem para que compartilhasse suas memórias publicamente, Kawamoto diz que não se sente confortável em se abrir dessa forma e nem falar com as pessoas em geral sobre o bombardeio.

Porém, ao visitar o Museu Memorial da Paz de Hiroshima, percebe que a exposição apenas cita brevemente os órfãos da bomba através uma foto pouco ilustrativa e um pequeno parágrafo que se reduz a dizer o número de crianças que perderam seus pais e familiares no bombardeio. Isso o deixa muito comovido, pois diz que a lembrança dos órfãos comendo jornal, chupando pedras, brigando feito animais por migalhas de pão, roubando, trabalhando em troca de um prato de comida, seus corpos mortos pela fome jogados pela Estação de Hiroshima jamais o deixaram em paz. Conta que teve muitos pesadelos durante a vida que jamais permitiram que ele esquecesse os órfãos, sendo ele mesmo um deles. Então resolve se juntar aos

Voluntários da Paz⁵ para contar aos visitantes do Memorial a história dos órfãos. Kawamoto diz que sente a obrigação de contar como essas crianças viveram e morreram após a guerra.

Neste contexto, afirma que ao retornar à Hiroshima reencontrou colegas que estavam com ele no local de evacuação e, como ele, ficaram órfãos após o bombardeio. Soube que muitos jamais contaram suas histórias para a própria família. Kawamoto diz que os compreende pois, “nós passamos muita fome. Alguns, como eu se juntou ao Yakuza. Outros, para sobreviverem nas ruas, roubaram para poder comer. Roubar é um ato muito vergonhoso, um crime. Como você pode educar um filho tendo roubado no passado? Contar que roubou deixa o pai sem moral para dizer para o filho não roubar”. Infelizmente esse colegas já faleceram e levaram com eles suas histórias. Hoje, Kawamoto foi considerado o último órfão de Hiroshima e sente que, por esse motivo, e por não ter família para envergonhar, precisa contar o que foi ser um órfão da guerra e da bomba atômica.

No último encontro que tive com Kawamoto ele me presenteou com alguns *tsurus*⁶ de *origami*⁷ e alguns aviões feitos de papel com pequenos *tsurus* no lugar dos pilotos. Disse, “quero que dê um de cada para sua filha e presenteie crianças e pessoas que são especiais para você com essas dobraduras. Fale para elas que quem os fez com muito carinho foi o último órfão de Hiroshima e conte a elas que o *tsuru* é o legado deixado pela Sadako. Sadako foi uma *hibakusha* que tinha 2 anos no dia da explosão. Após a guerra, ela teve leucemia e acreditava que dobrando mil *tsurus* não morreria. Ela não conseguiu terminar de dobrar os mil *tsurus*, pois morreu antes. Mas nós *hibakusha* continuamos a dobrar seus *tsurus*, pois o legado que Sadako nos deixou é o legado da esperança. Criança nenhuma no mundo deveria morrer dessa forma. O *tsuru* representa a esperança de um mundo sem guerras e da possibilidade de crianças poderem ser crianças e desejarem mais do que apenas sobreviver, mas viver suas vidas, sem dor, sem sofrimento, sem fome... O avião ... durante a guerra as crianças não podiam ter brinquedos. Era proibido. Tínhamos que trabalhar para a guerra e para o Japão desde cedo, sem distrações. Papel era uma preciosidade durante

⁵ Sobreviventes, familiares de sobreviventes e estudiosos do bombardeio formaram o grupo de Voluntários da Paz que atua no Memorial da Paz de Hiroshima. Os Voluntários acompanham os visitantes pela exposição tirando dúvidas e contando um pouco mais sobre a história do bombardeio e dos sobreviventes.

⁶ *Tsuru* é uma ave japonesa que representa, entre outros, saúde e longevidade.

⁷ Dobraduras de papel.

a guerra. Meu pai, por ter pertencido à Marinha, conseguia papel. Minha mãe, escondido, fazia aviões para brincarmos. Pedia que escondêssemos. Então o avião de papel é o legado da minha mãe. Uma mulher que no meio da guerra nos fazia brinquedo, que amava os filhos e cuidava de nós da melhor forma possível. E que morreu se recusando a deixar para trás os filhos mais novos, que deviam estar assustados e com muito medo. Pulou no fogo para não deixa-los morrer sozinhos. A vida me deu duas mães. Fiz os aviões sendo pilotados pelos *tsurus*. Assim, o legado de minha mãe será sempre acompanhado do legado de Sadako. Esperança e amor”.

Essa entrevista é parte da pesquisa de doutorado da psicóloga/psicanalista Cristiane Izumi Nakagawa, cujo título é “Trauma e sentido, culpa e perdão, vergonha e honra nos *hibakusha*: um estudo de testemunhos e seus paradoxos”, desenvolvida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Shozo Kawamoto foi entrevistado no Memorial da Paz de Hiroshima entre os meses de janeiro e fevereiro de 2018, durante o período em que a pesquisadora esteve na Hiroshima City University com o apoio do Memorial da Paz de Hiroshima e da FAPESP. O trabalho com os sobreviventes do bombardeio atômico de Hiroshima começou em 2010 e conta com o importante auxílio do Voluntário da Paz Ken Harada, tradutor e especialista no bombardeio atômico de Hiroshima.